

Universidade Federal do Ceará
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
PIBIC 2022/2023 - Edital Nº 5/2022

**Os limites do texto em semiótica: explorações na linguagem
cinematográfica**

Resumo

Este projeto propõe investigar, nos limites de uma pesquisa de iniciação científica, os limites do que pode ser considerado um texto em semiótica. Partindo da observação de que há conjuntos de textos que são tomados como uma totalidade independente (livros de contos, álbuns de canção, etc.), buscamos estudar de que maneira os textos-parte se relacionam entre si e se inserem no conjunto global, o que chamamos de texto-todo. Para desenvolver essa pesquisa, tomaremos como objeto os três filmes que compõem a Trilogia das cores, de de Krzysztof Kieslowski (1993-1994) e procederemos à análise semiótica de seu conteúdo (GREIMAS, 2014; FONTANILLE, 2012; BARROS, 2001), com ênfase nos elementos repetitivos e seu entrecruzamento dos filmes (LE MOS, 2015), a fim de estabelecer os graus de intimidade (HJELMSLEV, 1978; CARMO JR., 2009) entre os textos-parte e desses com o texto-todo. Visa-se assim estabelecer o grau de coesão e o grau de independência das partes que compõem a totalidade maior e, com isso, determinar se a totalidade traz de fato sentidos que ultrapassam a soma de suas partes.

1. Introdução

A repetição -- fenômeno ubíquo na linguagem -- pode ocupar um lugar gramatical e relativamente imperceptível, como na marcação redundante de plural ("as meninas bonitas"). Ainda assim, podemos reconhecer em fenômenos que se apoiam na repetição, tais como a coerência textual e a isotopia, um caráter coesivo importante. Por outro lado, a repetição pode também ser usada como estratégia de construção de sentido: se percebida como excessiva, a repetição será responsável por acréscimos de tensão no texto, por exemplo. Para que um fenômeno textual seja reconhecido como uma repetição portadora de efeitos de sentido, é preciso que atenda três condições: a identificação -- os elementos de superfície no texto precisam ser reconhecidos como unidades de um mesmo tipo; a saliência -- os elementos repetitivos precisam estar em relativo primeiro plano para que sejam percebidos; a linearidade -- os elementos devem estar alinhados de forma a construir um acúmulo, uma saturação progressiva (LE MOS, 2015). Essas condições se provaram suficientes para os limites de um texto, de um enunciado. Interessa-nos agora investigar sua atuação para além dos limites do que reconhecemos como um texto.

Isso nos leva à questão do texto em semiótica. O que define afinal um texto? Hjelmslev e seu método dedutivo sugerem o reconhecimento de uma totalidade, que será então submetida à análise. Porém a própria definição de texto supõe sua potencial expansão no sentido de cadeias "manifestadas por todos os sentidos" (HJELMSLEV, 2003, p. 140). A ampliação proposta por Hjelmslev se viu refletida na própria semiótica discursiva, que reconheceu pouco a pouco uma ampliação de seus objetos para os mais variados tipos de enunciados (fotografias, pinturas, filmes, romances, etc.) até o ponto de ultrapassar esses limites e propor que práticas sociais, estratégias de interação e formas de vida se configurem em objetos de sua investigação (Fontanille, 2008, 2015).

Ainda nos limites do enunciado, observamos que frequentemente textos são compostos eles

mesmos de outros textos. É assim que reconhecemos poemas no interior de um livro de poemas, contos no interior de um livro de contos, canções no interior de um álbum de canções (MAFRA, 2019). Se considerarmos que os livros e o álbum não são meros "depósitos" de textos, mas fruto de uma intencionalidade fundante, de uma enunciação particular, é preciso então aceitar que há textos que são formados por textos. O que se propõe assim aqui investigar são os laços que aproximam textos na direção da construção de uma outra totalidade maior, de um outro texto. Em especial, busca-se aquilatar o papel de elementos repetitivos, redundâncias e reiteraões na construção de um maior ou menor grau de intimidade (HJELMSLEV, 1978) dos textos-parte entre si e desses com o texto-todo.

2. Perguntas de Partida

Questão geral

-Em que medida um conjunto de textos autônomos pode ser considerado uma totalidade una?

Questões específicas

-De que maneira elementos de repetição na superfície textual contribuem para o sentido de totalidade de um conjunto de textos?

-Recorrências e paralelismos mais abstratos (narrativos e profundos) são pertinentes ou necessários para a construção de unidade global?

O sentido global do conjunto escapa ou excede a análise de cada texto-parte?

3. Hipóteses

Hipótese geral

-Ainda que os textos que compõem um conjunto possam ser fruídos independentemente, sua participação numa totalidade maior alcança sentidos que ultrapassam o sentido das partes, garantindo assim a validade da consideração da totalidade.

Hipóteses específicas

-A interpretação de textos como parte da composição de um texto maior depende da constatação de redundâncias semânticas e/ou sintáticas entre os textos-parte.

-A coesão entre os textos-parte depende diretamente do projeto enunciativo do texto-todo.

4. Objetivos

Objetivo geral

-Determinar as condições de intimidade entre os textos-parte por meio de elementos repetitivos e recorrentes e sua integração no texto-todo.

Objetivos específicos

-Analisar os textos-parte em seus aspectos discursivos, narrativos e profundos a fim de estabelecer uma base comum de comparação.

-Analisar a presença e o papel da repetição em cada texto-parte e entre os textos-parte.

-Discutir os graus de intimidade entre as partes e o todo em função de um projeto enunciativo comum.

5. Materiais e Métodos

A pesquisa se organiza em três partes. A primeira trata da análise semiótica dos três filmes que compõem a Trilogia das cores (Trois couleurs), de Krzysztof Kieslowski (1993-1994): A liberdade é azul (Trois couleurs: bleu), A igualdade é branca (Trois couleurs: blanc) e A fraternidade é vermelha (Trois couleurs: rouge). A trilogia foi escolhida justamente pela autonomia de suas partes (cada filme é uma história independente), bem como sua composição em uma totalidade (na referência às cores da bandeira e aos ideais da revolução francesa). Nessa fase, serão utilizados os recursos da semiótica discursiva dita clássica, conforme devidamente formalizada em Greimas (2014), Fontanille (2012) e Barros (2001).

Na segunda etapa, retorna-se aos filmes do corpus para se estabelecer um contraste de estratégias discursivas e para buscar os elementos repetitivos e os traços recorrentes (LEMOS, 2015) que possam indicar graus de intimidade entre as partes (HJELMSLEV, 1978; CARMO JR., 2009). Enfim, a terceira etapa propõe o contraste entre as análises do conteúdo, em especial na comparação das estratégias enunciativas em relevo em cada texto, com vistas a reconhecer um projeto comum. Essa fase termina com a investigação de efeitos de sentido que se depreendam dos textos uma vez tomados conjuntamente e, dessa forma, permitindo avaliar se há de fato nesse todo mais que a soma de suas partes.

6. Referências Bibliográficas

- BADIR, S. A noção de texto em Hjelmslev. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada. v. 13, n. 2, p. 88-95, Dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/724>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- BARROS, D. L. P. Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos. São Paulo: Humanitas / FLLCH / USP, 2001.
- BERTRAND, D. Caminhos da Semiótica Literária. Bauru: EDUSC, 2003.
- CARMO JR, J. R. Estratégias enunciativas na produção do texto publicitário verbo-visual. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia; TEIXEIRA, Lucia (Orgs.). Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 169-184.
- FIORIN, J. L. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004.
- FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. Revista Organon, Porto Alegre, v.9, n. 23, p. 163-173, 1995. Disponível em: <seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29370>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- FIORIN, José Luiz. Duas concepções de enunciação. Estudos semióticos. São Paulo, v. 16, n. 1, p. 122-137, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/172329>>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- FONTANILLE, J. Pratiques sémiotiques. Paris: PUF, 2008.
- FONTANILLE, J. Semiótica do discurso. São Paulo: Contexto, 2012.
- FONTANILLE, J. Formes de vie. Liège: PULg, 2015.
- HJELMSLEV, L. La categoría de los casos. Madrid: Gredos, 1978.
- HJELMSLEV, L. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- GREIMAS, A. J. Sobre o sentido II. São Paulo: Nankin/Edusp, 2014.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Sémiotique: Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Tomo II. Paris: Hachette, 1986
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. São Paulo: Contexto, 2008.
- LEMOS, C. L. Condições semióticas da repetição. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.8.2015.tde-09062015-111352. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09062015-111352/pt-br.php>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MAFRA, M. H. Um álbum de canções: reflexões semióticas sobre Canções Praieiras. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.8.2019.tde-03092019-140851. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-03092019-140851/pt-br.php>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MANCINI, R. A enunciação tensiva em diálogo. Estudos Semióticos, v. 15, edição especial, 64%u201387, 2019. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/156074/152320>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

RASTIER, François. Semântica dos textos e semiótica. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. (eds.). Razões e sensibilidade: a semiótica em foco. Araraquara: Laboratório editorial FCL/UNESP, 2004, p. 11-32.

SCHWARTZMANN, M. N. A noção de texto e os níveis de pertinência da análise semiótica. Estudos Semióticos, v. 14, n. 1, São Paulo, p. 1-6, mar. 2018. Número especial. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse/article/view/144288>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ZILBERBERG, C. Condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, E. P.; CAETANO, K. E. (org.). O olhar à deriva: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablumme, 2004, p. 69-101.

7. Plano de Atividades

Mês	Bolsista 1	Bolsista 2
1	Levantamento bibliográfico e leituras de base da semiótica clássica e das noções de graus de intimidade	Levantamento bibliográfico e leituras de base da semiótica clássica e das noções de graus de intimidade
2	Análise do nível discursivo (temas, figuras e debreagens) de A liberdade é azul	Análise do nível discursivo (temas, figuras e debreagens) de A igualdade é branca
3	Análise do nível narrativo (programa narrativo e modalidades) de A liberdade é azul	Análise do nível narrativo (programa narrativo e modalidades) de A igualdade é branca
4	Análise do nível profundo (axiologia, timia e oposições fundamentais) de A liberdade é azul	Análise do nível profundo (axiologia, timia e oposições fundamentais) de A igualdade é branca
5	Revisão da análise de A igualdade é branca com contribuições e acréscimos	Revisão da análise de A liberdade é azul com contribuições e acréscimos
6	Levantamento dos elementos repetitivos e traços recorrentes em A liberdade é azul	Levantamento dos elementos repetitivos e traços recorrentes em A igualdade é branca
7	Análise do nível narrativo (programa narrativo e modalidades) de A fraternidade é vermelha	Análise do nível discursivo (temas, figuras e debreagens) de A fraternidade é vermelha
8	Revisão da análise de A fraternidade é vermelha com contribuições e acréscimos	Análise do nível profundo (axiologia, timia e oposições fundamentais) de A fraternidade é vermelha
9	Tabulação dos resultados para fins de comparação	Levantamento dos elementos repetitivos e traços recorrentes em A fraternidade é vermelha
10	Contraste das análises a fim de indicar os graus de intimidade entre os filmes e de suas estratégias enunciativas	Contraste das análises a fim de indicar os graus de intimidade entre os filmes e de suas estratégias enunciativas

11	Discussão conjunta acerca dos graus de intimidade entre as partes (filmes) e o todo (trilogia) em função de um projeto enunciativo comum	Discussão conjunta acerca dos graus de intimidade entre as partes (filmes) e o todo (trilogia) em função de um projeto enunciativo comum
12	Redação e entrega do relatório final. Preparação para apresentação dos resultados nos EU.	Redação e entrega do relatório final. Preparação para apresentação dos resultados nos EU.